UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Departamento de Comunicação e Arte

História do Jazz

John Coltrane
"Um mestre espiritual"

Elaborado por:
José Américo Ferreira Belinha

Aveiro, 20 de Junho de 06

Índice

Introdução 2
Contextualização Histórica 3
John Coltrane 5
Frases Famosas.....10
Discografia 11
Gravações Favoritas:.....14
Bibliografia 15

Introdução

O jazz entra no nosso coração pois é a música da emoção, do momento, da criação e do movimento …

É isto que sinto quando ouço jazz, neste semestre foram-me apresentados vários artistas, vários géneros de jazz, vários timbres musicais diferentes, os quais não conhecia e até ignorava.

Neste trabalho vou falar um pouco sobre um Homem que ajudou há evolução deste género musical, criou novas formas de improviso, rompeu padrões para poder evoluir, este Homem é John “Trane” Coltrane.

É claro que é impossível falar de Coltrane sem falar de Parker, Miles e outros mas como o objectivo é explicar a sua vida e obra todos os outros apenas poderão ser mencionados, pois isto no jazz “os músicos são como as cerejas” (J.D.).

Ilustração 1 - Coltrane com Hartman

Contextualização Histórica

O imenso prestígio de Gillespie e de Miles é amplamente justificado pela sua criatividade conceptual e pelo seu papel histórico no desenvolvimento do jazz moderno. Se nos colocarmos no terreno da arte instrumental (evidentemente impossível de dissociar do conjunto do seu génio musical), diminui o fosso entre dois gigantes e uma dezena dos que com eles formaram, a partir de 1945, a mais bela geração de trompetistas. Mas a invenção de Adolphe Sax, depois da Primeira Guerra Mundial, foi divulgada nos Estados Unidos e é ao jazz que cabe, nos anos 20, dar-lhe as suas cartas de nobreza. Efectivamente, é no improviso que as suas incomparáveis se revelam plenamente: maneabilidade e expressividade que permitem a cada artista desenvolver com bastante facilidade um som e um fraseado muito individualizados. Contudo, em New Orleans ainda está confinado a um papel de acompanhamento ou de instrumento complementar para os clarinetistas: são aliás dois deles quem o primeiro utiliza como solista – Barney Bigard, o tenor, e Sidney Bechet, o soprano.

Mas o primeiro estilista importante é o músico branco de Chicago Frankie Trumbauer, que fez do saxofone em Dó um instrumento elegante e subtil, num contraponto ao cornetim de Bix Beiderbeck. Porém é Coleman Hawkins quem potencia o saxofone tenor em Sib, que se tornará com Lester Young e ele próprio, um instrumento fundamental para a elaboração do jazz moderno. Paralelamente outros artistas como Carter, Dorsey e Hodges

descobrem a expressividade do saxofone alto. Nos anos 40 vai ser Parker que fará do alto o meio ideal de improviso politonal.

Nos anos 30, no seio das grandes orquestras e em secções compactas, o saxofone também assume um papel colectivo, fortemente harmonizadas parecendo corais, davam força aos *Riffs* e prolongavam os *Tuttis*. Como melhor exemplo temos as orquestras de Duke Ellington , “Four Brothers” da big band de Woody Herman, etc.

Ilustração 2 - Parker e Miles

Como se a crise dos anos 20 fosse uma crise de nervos que só o jazz poderia acalmar, nos anos 30 abrem uma era de ouro para os instrumentos de metal e para toda a família de saxofones, enquanto isto na Europa começa um discurso mas o Adolfo era outro e os instrumentos eram muito mais perigosos.

Em 1952 e até 1958, o centro de gravidade do jazz desloca-se da costa leste para as margens do Pacífico. Os principais músicos californianos virão na sua maioria da orquestra de Stan Kenton.

John Coltrane

Nasceu em 1926 em Hamlet e faleceu em 1967 em Huntington. A sua morte prematura foi uma tragédia e um marco ao ponto de que o Jazz contemporâneo é correntemente qualificado como “pós-coltraniano”, e a sua influência atingiu a dimensão de um verdadeiro culto. Os seus últimos sete anos de vida abalaram as regras da improvisação de uma forma tão profunda como já tinha feito Armstrong ou como Parker – que revelou apenas aos trinta e três anos o seu génio com *Giant Steps* e depois com *My favorite Things*. Seria Coltrane a “ultrapassar” a barreira do virtuosismo parkeniano, uma espécie de “muro sem som” impossível de ultrapassar, pois atingiu uma nova fronteira tecnológica, uma nova estética ao nível do *Be-bop*.

“Trane” – diminuitivo de Coltrane – obteve uma longa maturação, esta evolução representa um percurso ideal para um músico da sua geração: pratica sucessivamente a *fanfarra*, o *rhythm’n’blues*, o *be-bop* em *big band* (na do Apollo e depois na de Gillespie) e toca depois com dois dos maiores virtuosos do saxofone – Hodges e Bostic.

Ilustração 3 - Miles e Coltrane

Mas é com Miles que Coltrane sai do anonimato, Miles lança-o consigo para a boca de cena. Entre eles nasceu uma amizade profunda e uma cumplicidade musical comparável à que unia Parker e Gillespie. O seu quinteto (ao qual se juntará Cannonball Adderley) evoluiu muito rapidamente: inicialmente tímido Coltrane começa a ganhar protagonismo nos últimos meses (1959) devido à energia que emprega nos seus solos e nas suas intervenções criativas pondo Miles numa certa confusão. Também tocou ao lado de Monk, outro grande saxofonista desta era, cuja influência foi decisiva para as suas concepções harmónicas e rítmicas. Gravou o seu primeiro álbum – *Blue Train* – em 1957 e largou a heroína e o álcool.

Ilustração 4 - 1º album de Coltrane

É então, após *Kind of Blue* que Coltrane descola de Miles, começa a desenvolver cada vez mais longamente os seus solos, enriquece a sua execução com harmónicos sabiamente controlados,

emissões difónicas (*ghost notes*) e “zonas sonoras” inspiradas na harpa, instrumento este no qual Coltrane se interessava bastante. No saxofone tenor tinha uma sonoridade grandiosa mesmo nos registos extremos, pois ele ultrapassava a tessitura de três oitavas do instrumento. Além disso, Coltrane em 1960 adopta o saxofone soprano e torna-se o maior estilista desse instrumento.

Ilustração 5 - Coltrane com o sax soprano

Coltrane estudou a politonalidade e o improviso modal bem como mostrou interesse pelas “ragas” indianas, pelas escalas pentatónicas africanas e pelas polifonias dos pigmeus. Estes factores decuplicavam a sua imaginação melódica conseguindo timbres e efeitos inéditos na tradição ocidental.

Fundou em 1960 um quarteto com McCoy Tyner no piano, Jimmy Garrison no baixo e Elvin Jones na bateria. Este quarteto torna-se num verdadeiro "laboratório" do improviso colectivo com um nível de lirismo e de subtileza inigualável. Coltrane assimila serenamente influências de Ornette Coleman, de John Gilmore e de Eric Dolphy, juntando-se com este último para algumas sessões históricas. Este quarteto vai dissolver-se cinco anos mais tarde pois a loucura de Coltrane não era compatível com a ligação forte do pianista à sistemática e regras harmónicas Ocidentais.

Ilustração 6 - Quarteto de Coltrane

Coltrane lançou-se então numa corrida louca contra o tempo, cujo objectivo parecia ser o de deixar o máximo de marcas e traços das suas pesquisas. Toca praticamente dia e noite e aproveita o seu contrato com a Impluse (produtora musical) para gravar o máximo possível estando rodeado por jovens admiradores seus – Pharoah Sanders, Archie Shepard, Rashied Ali e a sua segunda esposa Alice.

Os títulos dos seus discos – *Impressions, Transitions, Ascension, Crescent, Mediations, Om, Sun Ship,* etc. – reflectem bem a sua vontade de ultrapassar a tradição lúdica do jazz para atingir uma

dimensão mística, que é nessa época em que floresce o movimento *Hippie* e Jimi Hendrix começa a manifestar-se.

A três anos de distância estes dois gigantes vindos dos *blues* morrem brutalmente deixando sempre a dolorosa questão: será que a música se torna imortal?

Ilustração 7 - Coltrane e a sua esposa Alicia

Frases Famosas

De Keith Jarret, após a morte de Coltrane: “De repente, todos sentimos um vazio imenso. Mas não era isso que ele desejaria: ele teria preferido que ficássemos com mais espaço para fazer aquilo que devíamos fazer.”

De Archie Shepp: “Ele provou que é possível criar um solo trinta ou quarenta minutos de música ininterrupta, constantemente construtiva, original e imaginativa. E mostrou-nos a todos que deveríamos ter bastante resistência mental e física para suporte esses longos voos.”

Do próprio Coltrane: “Monk mostrou-me como tocar duas ou três notas simultâneas no tenor: com falsos dedilhados e ajustando os lábios, conseguem obter-se acordes perfeitos!... A harmonia tornou-se então a minha obsessão: por vezes tinha a sensação de fazer música através de um vidro fosco!”

Discografia

Blue Train (1957)

Thelonious Monk Quartet with John Coltrane at Carnegie Hall (2005; recorded 1957)

Traneing In (1957)

Soultrane (1958)

Lush Life (Recorded 1957 & 1958)

Giant Steps (1960)

Coltrane Plays the Blues (1960)

Coltrane's Sound (1960)

My Favorite Things (1960)

Olé Coltrane (1961)

Live! at the Village Vanguard (1961)

Africa/Brass (1961)

Ballads (1962)

Impressions (1963)

Live at Birdland (1963)

Newport '63 (1963), (posthumous)

Crescent (1964)

A Love Supreme (1964)

New Wave in Jazz (1965)

One Down, One Up - Live at the Half Note (2006; recorded 1965)

John Coltrane Quartet Plays (1965)

Dear Lord (1965)

Transition (1965)

Living Space (1965)

Ascension (1965)

Sun Ship (1965)

First Meditations (1965)

Live in Seattle (1965)

Om (1965)

Kulu Se Mama (1965)

Meditations (1965)

Cosmic Music (1966)

Live at the Village Vanguard Again! (1966)

Live in Japan (1966)

Stellar Regions (1995; recorded 1967)

Interstellar Space (1974; recorded 1967)

Ogunde (1967)

Expression (1967)

The Olatunji Concert: The Last Live Recording (2001; recorded 1967)

Gravações Favoritas:

My Favorites Thing (Atlantic WEA 781346-2)

Giant Steps (Atlantic WEA 781337-2)

Impressions (Impulse Atlantic WEA 254628-2)

Love Supreme-concert à Antibes (I.N.A /ESOL- DUN FCD106)

Bibliografia

Billard, François – “La vie Quotidienne des Jazzmen jusqu’en 1950”, Hachette.

Carles, Philippe – “Dictionnaire do Jazz”, Robert Laffont.

Thomas, J.C. – “John Coltrane, Chasin the Trane”, Denoel